

Documentação

Fonte: CB

Data: 28/8/95 Pg: 11

Class: PIX/Quarup 752

## COMEMORAÇÃO

# Em três dias de festa, os índios do Xingu se despedem de seus mortos ilustres

## FEITIÇO

Tamacavi era um jovem kamayurá de 25 anos, que morreu a golpes de porrete (borduna). Seu pecado foi matar outro índio por feitiço. Como castigo, o feitiço voltou-se contra o feitiçeiro.

Ele começou a sentir febre, dores e ardor pelo corpo. Não saía mais ao sol. Ficava deitado na sombra. Os outros kamayurá fizeram então o teste.

Pegaram um chumaço do cabelo de Tamacavi e colocaram perto das formigas. Quando elas grudaram no cabelo, eles tiveram certeza: o índio era mesmo feitiçeiro.

Depois de morto, veio o pior: durante o Quarup, que terminou ontem na aldeia dos kamayurá, o tronco de árvore que representava Tamacavi não foi velado por ninguém. Sua própria família recusou fazer-lhe homenagem.

Os outros dois troncos enfeitados representavam o índio enfeitado e um lembrado como cantador. Esses contaram com carpideiras a noite inteira.

## QUARUP

A festa dos mortos é realizada uma vez por ano em aldeias diferentes na época da seca. Geralmente em agosto ou setembro. Na aldeia Kamayurá, no Parque Indígena do Xingu, o Quarup começou sexta-feira.

Nesse dia, os pariat (embaixadores ou mensageiros) saem para convidar os índios vizinhos. Sábado, os convidados chegam e é o dia em que os troncos de árvores (quarup) são enfeitados.

À noite, os convidados dançam e os quarup são velados até de manhãzinha. Ninguém dorme. Antes do nascer do sol, com um frio de lascar, os índios tomam banho na lagoa Ipavu, enquanto os brancos estão empacotados até os ossos.

## HUKA-HUKA

É uma luta tradicional, que vale mais pelo esporte e à qual os índios comparecem pintados de vermelho e preto, com tornozeleiras e guizos no quadril.

A disputa termina quando um deles consegue pegar a parte posterior da coxa do adversário. Depois, tocadores de longas flautas uruá indicam que o Quarup vai chegando ao fim.

Os convidados recebem um cesto com peixe e vão-se embora. Só então os troncos são jogados na lagoa e nunca mais se fala o nome daqueles mortos.

## BICICLETA

Foi-se o tempo em que os índios andavam sem parar. Agora, eles andam de bicicleta, nus. É assim que chega a maioria dos convidados do

Quarup, no Parque Indígena do Xingu.

Estacionam nas árvores e ali mesmo amarram as redes: às vezes, uma em cima da outra. Para esquentar, acendem fogueiras. Poucos jogam uma coberta nos ombros.

Quem chega não invade a maloca. Aguarda a noite, respeitosa, atrás das ocas (casas). Só aparecem para as danças noturnas, correndo e gritando ul, ul, ul.

## BRANCOS

O Quarup deste ano foi animado pela presença branca. Entre os convidados, estavam o ministro da Justiça, Nelson Jobim; o governador de Mato Grosso, Dante de Oliveira; e o procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro.

Da comitiva também fizeram parte o presidente da Funai, Dinarte Madeiro; o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Milton Seligman; e o deputado federal Gilney Viana, do PT de Mato Grosso.

## PARABÓLICA

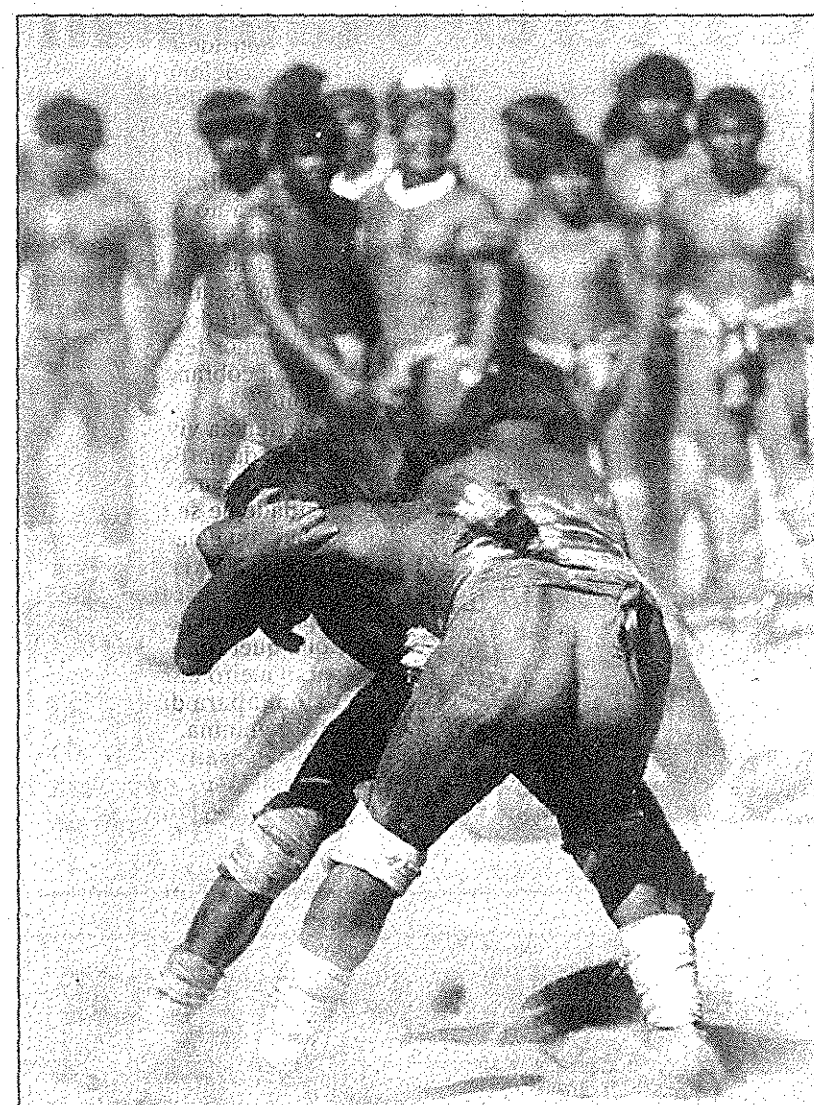
Em meio às grandes ocas onde vivem os 250 kamayurá, desponta uma engenhoca inusitada: uma antena parabólica. O administrador do Parque Nacional do Xingu, Ianaculá Rodarte, explica que a coisa é de um funcionário da Funai.

A presença da geringonça revoltou o governador Dante de Oliveira: "Nós sabemos o quanto fazem mal os violentos enlatados norteamericanos. Agora, imagina isso sendo jogado aqui, no meio dessa natureza toda".

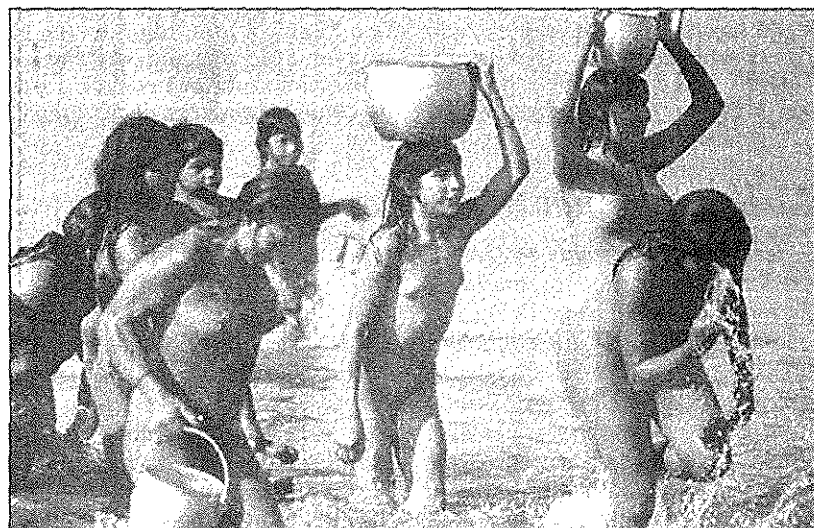
## FUMO

Cigarro. É a palavra mais usada pelos índios no diálogo com os brancos. Todos pedem cigarros. A fumaceira na aldeia é geral. O cacique Takuman dividiu um longo charuto, o petum, com o ministro Jobim.

Em meio a baforadas, Jobim quis saber o que os índios comiam. Takuman respondeu: "A gente come mandioca, peixe, aqui tem muita



Huka-huka: luta esportiva dos índios que faz parte da grande festa



Jovens índias se preparam, no rio, para a homenagem aos mortos

caça. Planta cana, milho, banana e agora batata. O que sobra, a gente manda pra Funai".

Depois do fumacê e longe do anfitrião, o ministro comentou: "Esse fumo não é tão bom como o do meu cachimbo".

A segunda palavra mais usada pelos índios é *balinha*. E não é pelas crianças. Ver homens parrudos e pelados pedindo balinha é bem estranho.

E a terceira palavra é biscoito. De água e sal a chocolate.

## XINGU

O Parque Indígena do Xingu foi criado em 1961 e demarcado 40

anos depois. Tem 2,6 milhões de hectares, onde vivem 3.671 índios.

Os povos são ao todo 17, como os kuikuru, kalapalo, matipu, waurá, suya, yudja, kamayura, caiapó.

O Parque fica ao nordeste do Mato Grosso e sul do Pará. Ianaculá Rodarte, 39 anos, é o administrador de 15 povos. Diz que o maior problema é a questão da terra.

"Há 10 anos aqui não havia invasão de pescadores, madeireiros nem poluição de rios", lembra.

Kaialucu tem 14 anos, nasceu na aldeia Kamayurá e nunca saiu de lá. Seu dia-a-dia consiste em acordar cedinho e buscar mandioca. Com ela, Kaialucu faz mingau e polvilho. Às vezes, pesca. E dorme. (TM)